Reminiscências
de
outono
Maike Cabral

Autumno anima pulchra est

2023

Tempo dos gaudérios

Há sentimentos inatuais que sobrepõem ventos modernos
rasgando as entranhas da mixórdia
alinhando ignaros na concórdia
sem lúridos tortuosos dos infernos.

Surgem em tempos de morte
qual sorte que domina o petulante
infesto em seu horror tão exultante,
melindroso no estorvo de tal corte.

Eu sinto seu cheiro...
na ponta do austero isqueiro,
nas cinzas de um zângano zelote.

Entre a brisa que anuncia o malsonante
este infeliz, tão exultante!
exala triste brado enojadiço,
pois, profanador movediço
rompe altares em jactantes vãos
onde loucos, finalmente sãos,
são gaudérios entre poucos quistos.

Morte aos asnos das esquinas férteis!

É preferível que um só morra

Suas palavras são de um ácido fel mortífero
embebidas em horror tão seco, ilícito,
calculadas pela cínica e espúria malícia.

Porém, por mais que o mal tenha tal poder enegrecido
de ocultar uma intenção sub-reptícia
- em mortalha de boa vontade -
na aparência política mais vetusta e sóbria,
é preciso ressaltar:

Mesmo o que cai, faz do bem elevadiço.

Folhas que caem do madeiro

Quando chega o vento que lava cadáveres
e a brisa se esconde em seus nódoos cabelos,
removidas são as imagens em quaisquer espelhos
sem reflexos das vidas multitudinares.

Porque nascemos da dor
com amor,
no desespero.

O culto de cada invisível sopro do além
que desprende o cordão do umbigo mais possessor
qual leve urdidura, em mais trépido horror,

nos arranca um próspero remido - amém!

Porque vivemos do desespero
com dor,
no amor.

E a prisão foi a própria liberdade de espírito
aquela que foge ao sátiro esmero
das vadias lôbregas, no mais nudo desterro,
vitórias de um asno: seu fático arbítrio.

Porque morremos do amor
com desespero,
na dor.

Quanto mais queremos o bem mais excitamos o mal sempiterno.

Ventos do além

Nos trazem a voz que se cala, mas sempre nos diz:
que por trás de toda melancolia sensível
travestida de pós nostalgia,
qual fábulas ardentes em meios bocejos,
há o que há sem haver existido.

Como um que é o valor de se ter por esmola
de pobres rizonhos à falsários idólatras,
na cadente escória em reduto infecto de andor revolvido

jaz obscuro,

na tundra do exílio,

o amor das milhões de ovas do paraíso.

Respiro em silêncio...

pois sei que não sei a ignorância do passo seguinte

embebido em mais robusto e fausto requinte

que irá me ferir de ruídos incêndios.

A morte.

é este furor de um ponto final,

antes de tudo um *aquém*, depois de nada um *sinal*,

que nos move ao redor pelos ventos do além.

Antropofagia psíquica

Não é por acaso que muitas almas se perdem pelo encontro casual consigo mesmas, embora a brusca imprecação mortífera provenha do contato raso com os transeuntes psíquicos do dia a dia.

Esta é a pior parte da decomposição ideal dos espíritos, que se dá nas entranhas de uma relação pestífera com o amigo imaginário não presente.

O homem médio está cansado de olhar para a vasta alcova de sua memória etérea e busca, energumenamente, a cura momentânea da paixão avassaladora pelo *intersticial* em seus gostos e desgostos grulhentos. Aí reside uma tara genética, portanto, antiga.

Talvez o sucesso dos ensabonetados de tez macia e luz no olhar se alicerce nesta ávida rapina por gente morta. Sim, morta pelo veneno acético de estelionatários bruxuleantes que mal resistem seriamente ao olhar de um janota bem confesso.

Esta é a edaz mania dos vampiros num espelho mágico de prazeres miquelinos que rondam a desonra plangente.

Na sombra deste incauto arbusto que esconde o rosto de um demônio insosso, eles buscam as crianças que se buscam no vidro pequeno banhado à lustre - tomando a cela das carteiras do apedeuta contemporâneo! - enquanto aspiram que você queira comer outras almas... sim, como um antropófago psíquico e vegetariano se descobrindo *repolho* junguiano!

Ladinos entrópicos, eis o que são; lambaios anímicos, eis o que querem.

O *cuspe*

Nossa mãe já dizia: meninos!, guardem as gotas de suas perfídias sob suas línguas empapussadas de víboras.

Isto porque, de nós, só sairão tais entes renitentes de profunda escória, resumidos em úmidas salvas ao chão - tão nobre chão! - destino cego do ar solícito.

Mas Deus, em sua infinita misericórdia, até mesmo do mais ínfimo ato da pouca educação fadada à polidez sovina retira seu vinho vital e víndimo - especialmente de tal geba tragédia! - descendo o linho do céu ao farrapo barro da terra.

Então, diante de tal milagre e mistério formoso, o clamor de nossas ninfas sôpegas se transforma em um tipo especial de vergonha que supera a timidez vacilante com um grito de esperança e vitória:

"*Cuspa, meu Deus, não só no tablado quente, mas igualmente em nossas faces cegas!*"

Uma cusparada divina: eis o que nos curará das falências sublunares, da mais tola vanglória.

Amarga culpa, amarga

Os amargos sentem culpa quando não cumprem uma espectativa imaginada. Os culpados não se amarguram quando imaginam espectar uma saída ante o reclame da consciência.

Infeliz indulgência: a daqueles que não distinguem bem os limites entre essas duas concubinas...

Não é fácil relacionar a autoria sã de um movimento acabado com sua respectiva condolência em figura de fel, mais ainda saudar o paladar com o coração contrito que preparou tal manjar.

Como as folhas no outono que são destinadas ao tablado seco da morte, toda a sorte se traduz em seios secos sem mel. É por isso que o conciencioso se remorde em angústias tolas dentro do palácio fácil de seus favores e, entre mil cores, escolhe as cinzas de sua fogueira extinta por lágrimas.

Portanto, saber o que fazer; quando fazer; e como fazer é tarefa táctil do sábio da vida que, remoído entre fartas feridas, reluzido meio a trevas solares, reduzido à falsos delírios - aporta o futuro remido nos torvelinhos de instantes em dúvida.

A *boa atitude é aquela que nunca a sequela deixa levar.*

O *encosto quadrilátero*

As vezes a fantasia desmonta o castelo de realidade onde habitamos, e é nesta ambígua hora, onde o tombo dói e reclama salvas, que a realidade mostra a fantasia - em seu desvelo de noiva - na argamassa tórrida que mantinha em matrimônio cada tijolo. Esta é uma constatação, não uma imprecação esperançosa.

Isto podemos notar em cada deslize diário; em nossas redomas mais noturnas; no fustigar de alegria que exorta um caminhão de vanidades; na explosão do coração de uma alma tartamudeando junto à serpente que pragueja aos anjos ceifadores de misérias.

Para tal, temos um encosto quadrilátero - um tanto quanto rodilho - entre as calças e cutículas ainda por remover, guardando no peito sua alcova falaz que manda no mal a aquiescer, enquanto as tafus sedutoras rebolam puro ar de geba (nisto as bruxuleantes tentativas de se expor ao rico anseio acabam por se tornar um paraíso de lágrimas).

O referido encosto, antes apenas um espírito zombeteiro, agora, fiel mensageiro, nos boleia na viajem astral à procura do nada; onde o exprobador do agora se torna o hebetado do futuro, retido entre meias, botas e estolas fúnebres; caído em teias, solas e devotas janotas: uma perfeita concussão mental!

Eis o embusteiro do século, atraindo sabujos ao limiar dos infernos!

O lugar do contraste

Se observarmos bem, toda a natureza é um extensivo jogo de contrastes. Nada existiria se não houvesse a contraposição radical entre elementos, que longe de serem absolutamente opostos, são necessariamente complementares.

Todo o simbolismo - natural, espiritual, estético - se baseia neste fato: para se existir como uma coisa é preciso não existir como outras - embora seja necessário ter de todas algum elemento de semelhança, de conjunção. E este elemento é justamente a essência fundamental do simbolismo, cuja possibilidade está assentada na realidade do contraste.

Transposta essa percepção para o plano da convivência humana, encontraremos infindáveis exemplos de contraste operando como força de manutenção da variedade existencial. Praticamente todas as instituições (reflexos de nossa natureza associativa por objetividade) guardam em si a dinâmica simbólica de seu jogo de luz e sombras - mas a mais significativa delas é, sem dúvida, o hospital.

O hospital é tanto o local do nascimento quanto da morte; da mazela quanto da cura; das lágrimas de dor quanto de alegria; da despedida do ar quanto do seu encontro. Este recinto é o anfiteatro onde se passa o espetáculo mais contrastante da terra, recolhendo em suas salas a passagem para a ação contínua no tempo e a discreta paragem descontínua na eternidade. Ali, numa simples tarde, encontraremos o paramento fúnebre da morte se esbarrar com os enxovais delicados de uma nova infância; o cheiro do éter moribundo se encontrar impunemente com o mais puerpério olor; o obituário temido ser impresso com as mesmas tintas do bem amado certificado de nascido.

Uma alma nunca mais será a mesma após ser arrebatada pela percepção cabal desse contraste, por incrível que pareça, tão banal. Pois, quantas foram as ocasiões que o destino nos propôs tê-la sem que nós, nem ao menos de soslaio, desejamos concebê-la? No entanto, este reduto de contraste continua a remetê-la pelo simples fato de sua existência ser o símbolo da

história do homem, que é: nascer para ser tratado e, quem sabe, curado para o além morte.

Contudo, o lugar do contraste é bem mais que este símbolo sanatório de nossa circunstância. Ele é a existência humana enquanto tal; em seus mais ínfimos detalhes insuspeitos; como um grau superior de verdade onde tudo na história pode colidir (e coincidir) nessa estalagem providencial.

No homem, vida e morte habitam em andares tão próximos que denunciam sua condição de inquilinas de um mesmo Senhor.

Reminiscências de outono

Existem épocas que nunca participam do tempo
Por não passarem de fantasmas sobressalentes
Que, ao invés de encontrarem luzes latentes,
Induzem a alma à dissolução no vento.

Sorrio *em passado*...
Onde as mais cálidas sensações se transmutam em parcos alimentos
Dos pulhas, amantes, insólitos rebentos!
Antípodas de um mistério jamais relembrado.

As artimanhas da nau dos loucos ainda encontram navegantes
De pasmo belo sorriso
De salto breve no instante.

E todo verão passa a ventre deste inferno moroso
Reduzindo ao intento as sôfregas almas
Do antro mortificio, nas lôbregas salvas,

Como o sexo dos anjos feridos por gozo!

Não quero mais temer a alegria do abismo,

Pois ela é o despertar do andar de sonâmbulo.

...